

## A VOCAÇÃO PARA O SERVIÇO OU O SERVIÇO DOS VOCACIONADOS?

*Jedeias de Almeida Duarte\**

### RESUMO

Este artigo busca fazer uma análise da doutrina da vocação ministerial. O assunto é tratado principalmente nas perspectivas de João Calvino e Richard Baxter. Parte-se do pressuposto de que a vocação pastoral, em alguns aspectos, pode ser estudada e ensinada como análoga à vocação dos profetas no Antigo Testamento e dos apóstolos no Novo Testamento, especificamente quanto ao manuseio da Palavra de Deus, o impulso do Espírito Santo que foi no passado e é no presente o aplicador da Palavra de Deus e, por fim, o trato com o povo de Deus como receptor da Palavra de Deus ensinada e proclamada. O autor busca as conexões do ministério pastoral com o cumprimento da Grande Comissão, atribuindo aos ministros a responsabilidade direta de evangelização dos não-convertidos como uma evidência externa da vocação pastoral. Por fim, aponta alguns perigos e armadilhas do ministério pastoral nesta era contemporânea.

### PALAVRAS-CHAVE

Pastor; Chamado; Vocação pastoral; Dons espirituais; Sacerdócio universal dos crentes.

### INTRODUÇÃO

A dicotomia feita por alguns estudiosos entre missiólogos e missionários somente será procedente se quem faz a análise ou um dos grupos analisados

---

\* O autor é bacharel em Teologia e Direito, mestre em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões (2007) e Doutor em Ministério pelo CPAJ e pelo Seminário Teológico Reformado (D.Min., 2009). É professor de teologia pastoral e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Revitalização e Multiplicação de Igrejas (RMI) no CPAJ. É o executivo do Plano Missionário Cooperativo (PMC) da Igreja Presbiteriana do Brasil e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Pinheiros, em São Paulo.

não possuir a Escritura Sagrada como única regra de fé e prática. Entretanto, entre os missiólogos e missionários que partem das Escrituras para a caminhada do evangelho através da igreja não existe uma concorrência ou divergência, mas funcionalidades paralelas submissas à missão e ao Senhor da missão. São partes funcionalmente distintas, mas que laboram em mútua complementação à medida que avançam contribuindo para o crescimento da igreja de Cristo.

Numa dinâmica semelhante estão aqueles que servem como “enviadores” de pastores, missionários ou plantadores de igrejas e aqueles que são enviados. Novamente, o evangelho é o ponto de partida e de chegada de ambos e existem funcionalidades diferentes que podem ser estudadas academicamente e que também contribuem para o crescimento do corpo de Cristo.

Pode-se observar que as supostas distinções acima são dependentes da posição de cada grupo e da forma de atuação, o que pode mudar com o tempo e as circunstâncias. Essas distinções superficiais fogem aos preceitos escriturísticos do apóstolo Paulo – missiólogo e missionário, enviado e enviado no processo missionário da igreja do primeiro século (Ef 4.7,12,15-16 e 1Co 12.12-31).

A trajetória deste artigo busca sanar algumas dessas controvérsias dicotômicas, partindo da análise do conceito teológico da vocação para o ministério e observando os aspectos internos e externos pertinentes. Depois apresentamos uma análise de pressupostos que apontam o serviço pastoral na igreja como fator de crescimento, conectado com a Grande Comissão. Por fim, concluímos apontando a impossibilidade teológica de submeter a escolha e envio de ministros, missionários e plantadores de igrejas com base exclusiva em uma avaliação do perfil ministerial, sendo a capacitação, o treinamento e o desenvolvimento de habilidades, dons e caráter ferramentas teológicas essenciais para o ministério.

É importante registrar que não existe uniformidade entre os cristãos, inclusive reformados, quanto à vocação pastoral. A ausência do assunto nos símbolos de fé e a aparente divergência quanto aos aspectos internos e externos da vocação são obstáculos à clareza dessa doutrina dentro da igreja.

Este artigo caminha segundo os escritos do reformador João Calvino, do puritano Richard Baxter e de outros que seguem a mesma linha doutrinária. A vocação pastoral é estudada como análoga à vocação dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo Testamento. Tal analogia se apresenta especialmente no que concerne ao manuseio da Palavra de Deus, ao impulso do Espírito Santo que foi no passado e é no presente o aplicador da Palavra de Deus e ao trato com o povo de Deus como receptor da Palavra de Deus, ensinada e proclamada. Este texto contém alguns dos passos iniciais de um estudo abrangente sobre o ministério pastoral e suas conexões com o cumprimento da Grande Comissão.

## 1. VOCAÇÃO PARA O MINISTÉRIO PASTORAL: ESPECIFICIDADES

A clarificação da questão da vocação pastoral nos meios reformados, envolvendo pastores, missionários e plantadores de igrejas, é muito importante uma vez que existe, de um lado, uma perspectiva mística sobre o “homem de Deus”, o “ungido” e, de outro lado, a negação da intervenção soberana do Senhor chamando líderes para sua igreja, para tarefas específicas, em gerações e tempos específicos. Se tornarmos clara a essência do chamado para determinado serviço na igreja e no reino, também ficará evidente qual é o papel missionário deste serviço dentro de um determinado espaço-tempo (geração, povo, língua, nação, etc.). Esse passo é essencial para que haja, na geração presente e na próxima, uma igreja missionária.

Isso pressupõe o desenvolvimento de uma eclesiologia bíblica que resgata a essência do ministério da Palavra e dos sacramentos, observando o ensino bíblico sobre ofícios, dons espirituais e o ministério dos crentes no corpo de Cristo, visualizando uma igreja sólida, influente e multiplicadora.

A teologia genuína oriunda das Escrituras Sagradas é o elo entre o ministério pastoral e o cumprimento da Grande Comissão, tanto pelo pastor quanto pelo grupo (igreja) que está sob os seus cuidados. Tal teologia é uma chave importante para manter vivos o desenvolvimento da igreja local e o ministério pastoral durante um longo período de tempo.

## 2. O SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS CRENTES

A caminhada da igreja no mundo é o exercício da sua vocação. A igreja tem por finalidade última, na história e na eternidade, a adoração a Deus, glorificando-o pela pregação e vivência do evangelho, em todas as esferas da existência e da ação humana. Ela o faz de modo particular e público, individual e comunitário. A demonstração do ministério da igreja como coletividade de serviço que glorifica a Deus através da vida e dos atos de seus membros é a essência de sua vocação.

A Reforma Protestante resgatou a doutrina do sacerdócio universal dos crentes, não apenas produzindo um rompimento com a corroida estrutura romana distante das Escrituras e seu modo distorcido de servir ao Senhor, mas impulsionando a vida orgânica integral do corpo de Cristo na terra. Nas palavras de Lutero, “somos, pois, igualmente sacerdotes espirituais diante de Deus”,<sup>1</sup> o que, de forma clara, estabelece o serviço igualitário de todos os santos diante da grandeza da missão da igreja. Uma vez mais Lutero afirma:

<sup>1</sup> LUTERO, Martinho. Sermão a respeito da missa. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal, v. 2, p. 268.

Daí se segue que leigos, sacerdotes, bispos ou como dizem, espirituais e seculares, no fundo verdadeiramente não têm qualquer diferença senão em função do cargo ou da ocupação, e não pela sua classe, pois todos eles são de classes espirituais, autênticos sacerdotes, bispos e papas. Contudo, nem todos têm a mesma ocupação, assim também entre os sacerdotes e monges nem todos tem a mesma ocupação.<sup>2</sup>

Como reformados, não podemos ignorar a relevância da doutrina do sacerdócio universal dos crentes. Contudo, não podemos também ignorar que o estado do crente diante de Deus mediante os méritos de Cristo, apontado pelo sacerdócio universal dos crentes, corrobora para a funcionalidade destes no exercício individual do seu sacerdócio conforme aprouve ao Espírito Santo, ao distribuir soberanamente os dons espirituais no corpo. Não há incompatibilidade entre o exercício do sacerdócio de cada crente e a funcionalidade do crente no corpo de Cristo e no reino de Deus. O sacerdócio universal aponta ao crente a legitimidade soteriológica de seu estado diante de Deus; o exercício dos dons e dos ministérios aponta a legitimidade eclesiológica diante do corpo de Cristo e de todo o reino. Ambos apontam para as responsabilidades de cada cristão. Para Veith, o sacerdócio universal dos crentes não exclui o ofício pastoral na igreja:

O conceito de “sacerdócio universal” da Reforma não denigre de forma alguma o ofício pastoral, como geralmente se pensa, nem ensina que pastores e cooperadores da igreja são desnecessários, tampouco afirma que cada pessoa pode apresentar sua própria teologia. Pelo contrário, ela ensina que o ofício pastoral é uma vocação, um chamado de Deus com sua autoridade, suas responsabilidades específicas e suas bênçãos.<sup>3</sup>

Observando a funcionalidade do corpo de Cristo, inclusive o exercício do dom pastoral e de todas as demais atividades exercidas pelos salvos em sua caminhada, percebe-se que o exercício funcional não interfere na condição sacerdotal em Cristo. É possível e necessário observar pessoas servindo como sacerdotes, sem, contudo destituí-las das funções em que foram colocadas pelo Espírito para crescimento do próprio corpo. Lutero restaurou a sistemática do verdadeiro modelo orgânico da igreja conforme o ensino do apóstolo Paulo no Novo Testamento, observando o escrito apostólico quanto ao funcionamento do corpo de Cristo e o serviço sacerdotal de todos os crentes (Efésios 4 e 1Pedro 2):

<sup>2</sup> LUTERO, Martinho. À nobreza cristã da nação alemã. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal, v. 2, p. 283.

<sup>3</sup> VEITH JR., Gene Edward. *Deus em ação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 15.

Da mesma forma como aqueles que agora são chamados de clérigos ou sacerdotes, bispos ou papas, não são mais dignos ou distintos do que outros cristãos senão pelo fato de deverem administrar a palavra de Deus e os sacramentos – esta é a sua ocupação e seu ofício... Mesmo assim todos são sacerdotes e bispos ordenados de igual modo, e cada qual deve ser útil e prestativo aos outros no ofício ou ocupação, de modo que múltiplas ocupações estão voltadas para uma comunidade, para promover corpo e alma, da mesma forma como os membros do corpo servem todos um ao outro.<sup>4</sup>

É possível que o resgate desta doutrina bíblica, através dos estudos e interpretações bíblicas feitos a partir de Lutero, tenha contribuído para o avanço da igreja em dimensões anteriormente vistas apenas na época dos apóstolos, principalmente quanto ao crescimento espiritual dos crentes nos lugares mais longínquos da terra. A doutrina assume uma forma axiomática nos documentos da Reforma. O Catecismo Maior de Westminster também mostra a plenitude desse conceito quanto estabelece de forma clara a possibilidade e o dever da livre leitura das Escrituras por todos os crentes:

A Palavra de Deus deve ser lida por todos? Embora não seja permitido a todos lerem a Palavra publicamente à congregação, contudo os homens de todas as condições têm obrigação de lê-la em particular para si mesmos e com as suas famílias; e para este fim as Santas Escrituras devem ser traduzidas das línguas originais para as línguas vulgares.<sup>5</sup>

Esse é o primeiro princípio a ser observado dentro da eclesiologia quanto à vocação: todos os crentes são sacerdotes diante de Deus; qualquer outra adição ao conteúdo desta doutrina pode trazer sombra ao que já é claro e límpido. Tal princípio não é concorrente, nem doutrinariamente incompatível, com o ensino bíblico da funcionalidade do corpo de Cristo por meio dos dons e ministérios dados soberanamente pelo Espírito Santo. Dentre outros, o Senhor concede à igreja oficiais para pastoreá-la e, dentre esses, aqueles que se afadigam na Palavra e no ensino (1Tm 5.17).

### **3. VOCAÇÃO PARA O MINISTÉRIO PASTORAL: ORIGEM E FINALIDADE**

O ministério pastoral é definido a partir da sua origem, Deus é o iniciador do pastorado, ele é o chamador. Toda capacitação para o exercício do ministério pastoral tem por fim último a glória de Deus através do cuidado com os eleitos, tanto os que já foram alcançados na história pela graça do evangelho quanto

<sup>4</sup> LUTERO, À nobreza cristã da nação alemã, p. 284.

<sup>5</sup> *Catecismo Maior de Westminster*, Pergunta 156.

aqueles que serão alcançados na história pela proclamação do evangelho (Jo 17.20-21).

Para Calvino, em suas *Institutas*, a vocação era a condição inicial para qualquer ofício na igreja do Senhor. Além de diligência e ordem, o estabelecimento do governo da igreja passava pela vocação de seus oficiais:

Para que não se introduzissem temerariamente homens inquietos e turbulentos a ensinar ou a governar, o que de outra sorte haveria de acontecer, tomou-se precaução expressamente a que alguém não assuma para si ofício público na igreja sem a devida vocação. Portanto, para que alguém seja considerado verdadeiro ministro da Igreja, primeiro importa que tenha sido devidamente chamado (Hb 5.4); então, que responda ao chamado, isto é, empreenda e desempenhe as funções a si conferidas.<sup>6</sup>

Hodge faz exposição semelhante, não apenas apontando o caráter espiritual e interno da vocação, mas também as prerrogativas daquele que foi chamado, sendo a principal delas a comunicação das boas novas a todas as nações da terra, seguida da condução do culto público, da administração dos sacramentos e do treinamento de novos oficiais, estendendo e perpetuando a ação do ministério na vida da igreja.<sup>7</sup> Para Hodge, o trabalho evangelístico no ministério pastoral ocupava a prioridade, sem conflitar com os demais deveres. Portanto, a exposição da Palavra sempre deveria possuir um caráter evangelístico e dirigido aos não-convertidos.

Em nossos dias, MacArthur definiu a vocação para o ministério pastoral a partir do chamado de Deus e da capacitação que os ministros recebem para exercer o serviço ministerial:

Um chamado divino e inigualável, concedido a homens eleitos por Deus para serem ministros de Sua Palavra e servos de sua igreja. Os homens chamados para este trabalho sentem-se indignos (1Tm 1.12-17) e desqualificados (2Co 3.4-6) para tarefa tão preciosa. Mas aos separados para o ministério aplica-se o clamor do apóstolo Paulo: “temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4.7).<sup>8</sup>

É importante observar como, dentro da visão de MacArthur, a seriedade e as responsabilidades do ministério provêm primeiramente do Deus que chama os seus ministros, seguida da missão que recebem. Quando a vocação

<sup>6</sup> CALVINO, João. *As institutas da religião cristã*. 4 volumes. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, Livro IV, p. 72.

<sup>7</sup> HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 1288.

<sup>8</sup> MACARTHUR JR., John. *Redescobrimo o ministério pastoral*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 85.

ou a missão são suprimidas, corre-se o risco de desqualificar o ministério pela fragilidade do vaso.

Eclesiologicamente, devemos entender que o governo de Deus na igreja aponta a realidade e visibilidade do exercício do seu governo na vida dos crentes. A partir desse conceito podemos entender a existência de oficiais, inclusive ministros da Palavra, e dos sacramentos e perceber que não existe conflito entre a doutrina do sacerdócio universal dos crentes e o ministério pastoral.

Para Berkhof, o poder conferido por Cristo à sua igreja deveria ser exercido por oficiais sob delegação do povo, os quais, ao reconhecer o chamado do Senhor através dos dons, confirmam tais oficiais em seus postos:

Enquanto que Cristo delegou poder à igreja como um todo, também providenciou para que este poder fosse exercido ordinária e especificamente por órgãos representativos, separados para a manutenção da doutrina, do culto e da disciplina. Os oficiais da igreja são os representantes do povo, escolhidos por voto popular. Isto não significa, porém, que eles recebem a sua autoridade do povo, pois o chamamento do povo é apenas a confirmação do chamamento interior feito pelo Senhor; e é do Senhor que eles recebem a sua autoridade e a ele são responsáveis.<sup>9</sup>

A teologia reformada foi o instrumento para o resgate da vida da igreja e de seu modelo funcional conforme o ensino das Escrituras. Vivenciou-se, a partir da sua época, um modelo de igreja que, de um lado, rompeu com a estrutura milenar do clero romano e do papado, defendendo o sacerdócio universal de todos os crentes e, de outro, mantém os princípios relevantes e necessários, sobretudo bíblicos, para o correto funcionamento do corpo de Cristo. Nos reformadores encontramos o conceito específico da vocação para o ministério da Palavra, primeiramente em Lutero, que o defendeu da mácula da fermentação do clero romano nos seguintes termos:

A vocação não deve ser assumida levemente, pois não é o suficiente que uma pessoa tenha conhecimento. Ele precisa estar certo de haver sido devidamente vocacionado. Aqueles que exercem o ministério sem a devida vocação almejam bom propósito, mas Deus não abençoa os seus labores. Eles podem ser bons pregadores, mas não edificam.<sup>10</sup>

Parece-nos que, para o reformador, não havia possibilidade de atender ao ministério sem a vocação reconhecida de forma interna e externa. É dentro dessa perspectiva que toda a teologia pastoral formatada e vivenciada nas igre-

<sup>9</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990, p. 1.289.

<sup>10</sup> LUTHER, Martin. *Commentary on the Epistle to the Galatians*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1949, 1:1.

jas reformadas e, posteriormente, nas igrejas presbiterianas, teve sua origem, respaldada também no pensamento de João Calvino, que, tanto nas *Institutas da Religião Cristã* quanto em alguns dos seus comentários, expressou o ensino sobre este assunto à luz das Escrituras.

Em Richard Baxter (1615-1691) encontramos um direcionamento para a visão plena do ministério pastoral, transitando desde a preparação excelente, passando por um ministério relevante na igreja local e se estendendo as minúcias e também às dificuldades que envolvem a vida e o ministério de um pastor. Ele estabelece ainda, de forma clara, o conceito de salvação daquele que foi chamado para o sagrado ministério. Assim ele escreveu aos pastores de sua época, insistindo no princípio de que quem não passou pelo sangue do Cordeiro não deve anunciar o evangelho do Cordeiro. Firmou, assim, a verdade de que o ministro deveria avaliar primeiramente sua própria conversão antes de se aventurar na função de proclamador da graça.

Se permanecerem nas portas do reino a fim de iluminar a entrada para outros e os senhores mesmos não entrarem, em vão baterão nos umbrais da glória e jamais adentrarão os átrios da graça... Os pregadores do evangelho serão julgados pelo evangelho.<sup>11</sup>

Ao escrever que apenas homens convertidos mantêm o seu propósito final em Deus e fazem a obra do coração para a honra do Senhor, Baxter solidificou este conceito e ao mesmo tempo expurgou a idéia do ministério sagrado como um meio de sobrevivência ou ganha-pão. Baxter via na vocação para o ministério um chamado geral para a igreja de Cristo e um chamado específico para uma igreja local.<sup>12</sup> Esta primeiramente deveria receber os cuidados ministeriais em detrimento de qualquer outro compromisso com aquela. O chamado para o ministério, segundo Baxter, era um meio de Deus reformar a sua igreja e assim ele expressou o zelo e a fidelidade no ministério como instrumentos de Deus para a reforma da igreja.<sup>13</sup>

Baxter também corrobora o conceito da origem da vocação como sendo algo derivado da ação de Deus, sendo o cânon ministerial determinado pelas Escrituras:

Em sua Palavra, Deus prescreveu a existência, o tipo de trabalho, a esfera do poder do ofício pastoral, descrevendo o caráter e as virtudes dos homens a serem escolhidos pela igreja... São dons de Deus, o qual chama e qualifica a quem lhe apraz. Dessa maneira, tudo o que a Igreja tem de fazer, pastores ou povo,

<sup>11</sup> BAXTER, Richard. *Manual pastoral do discipulado*. O pastor aprovado, em edição especial atualizada com notas. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 54.

<sup>12</sup> BAXTER, Richard. *O pastor aprovado*. São Paulo: PES, 1989, p. 71.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 12.



ordenadores ou eleitores, é discernir e escolher sob a ação do Espírito quais sejam os homens capacitados e habilitados para serem aceitos e solenemente instalados neste ofício.<sup>14</sup>

Em Baxter, a conversão do pastor é condição sem a qual não existe um único lampejo de esperança para o exercício do ministério, sendo a evangelização dos não-convertidos não apenas uma evidência desta conversão, mas sinal claro de humildade e sujeição à vontade de Deus. Isso aponta os sinais internos e externos da vocação para o ministério pastoral:

O homem que não for totalmente sincero como cristão, não poderá estar apto para ser pastor de igreja. Isto se comprova quanto ao seu amor a Deus... Tampouco serve para ser um ministro de Cristo o homem que não tem adequando e notório espírito para com a igreja. É preciso que ele se deleite com a beleza da Igreja, anele sua felicidade, procure a sua prosperidade e se regozije com o seu bem-estar. Ele deve estar disposto a gastar-se e a ser gasto por amor à Igreja.<sup>15</sup>

É possível que as alegações de Baxter sobre a necessária conversão dos ministros de sua época também sejam verdadeiras quanto às necessidades de igreja em vários momentos da história, inclusive nos dias atuais.

A iniciativa da vocação para o pastorado no pensamento desses teólogos reformados é do Senhor. O servo possui segurança quanto ao chamado à medida que, de maneira autêntica, experimenta a palavra inserida em sua vida e em seu trabalho.<sup>16</sup> Não podemos, porém, afastar a compulsão interior, o convencimento do Espírito na consciência do vocacionado. Spurgeon escreveu sobre isso nos seguintes termos:

Se vocês não sentem o calor sagrado, rogo-lhes que voltem para casa e sirvam a Deus em suas respectivas esferas. Mas se, com certeza, as brasas de zimbros chamejam por dentro, não as apaguem.<sup>17</sup>

Caminhamos para uma especificidade do ministério pastoral partindo do sacerdócio universal dos crentes e observando a existência dentro da igreja de ofícios dados pelo Senhor para a edificação da sua igreja pela Palavra, devendo ainda os ministros, aqueles que recebem a incumbência de cuidar da transmissão da Palavra, apresentar-se zelosos no cumprimento deste desiderato. Nessa dinâmica, para Veigh a vocação pastoral tem sua característica particular dentro das vocações e ofícios da igreja:

<sup>14</sup> Ibid., p. 110.

<sup>15</sup> Ibid., p. 96, 97.

<sup>16</sup> CESAR, Kléos Magalhães Lenz. *Vocação*. Viçosa: Ultimato, 1997, p. 153.

<sup>17</sup> SPURGEON, Charles H. *Lições aos meus alunos*. São Paulo: PES, 1990, v. 2, p. 31.

A vocação do pastor é realmente um ofício especial. Não que ela tenha mais mérito do que qualquer outra vocação. Deus age e também está escondido em outras vocações. Mas o ofício pastoral não serve apenas ao mundo, mas ao reino espiritual de Deus. Cristo age no trabalho do pastor de modo libertador, graças à palavra do pastor e às consequências eternas do ministério.<sup>18</sup>

#### 4. MINISTÉRIO PASTORAL: OBSERVANDO A VOCAÇÃO INTERNA E EXTERNA

A corrente reformada majoritária admite quanto a este assunto evidências internas e externas da vocação para o ministério pastoral, sendo um aspecto fundamental após a clara certeza da genuína conversão do futuro ministro. Foi nessa convicção que Charles Spurgeon (1834-1892) estabeleceu posicionamentos firmes que clarificam ainda hoje a seriedade com que ele tratava o ministério da Palavra. Para Spurgeon,

Antes que um homem assuma a posição de embaixador de Deus, deve esperar pelo chamamento do alto. Ser pastor sem vocação é como membro professo e batizado sem conversão... Estando seguro de sua salvação pessoal, deve investigar quanto à questão subsequente da sua vocação para o ofício; a primeira é-lhe vital como cristão, e a segunda lhe é igualmente vital como pastor.<sup>19</sup>

Nesta mesma perspectiva, Spurgeon enumera em seus ensinamentos os sinais da vocação celeste,<sup>20</sup> iniciando com um desejo intenso e absorvente de realizar a obra, associado com a aptidão para ensinar e certa medida de outras qualidades necessárias ao ofício de instrutor público. No exercício dos dons, é preciso que o aspirante veja ocorrer certo número de conversões sob os seus esforços, ou poderá concluir que cometeu um engano, e daí poderá retornar pelo melhor caminho que puder encontrar. Spurgeon ainda especifica que a sua pregação deverá ser aceitável ao povo de Deus. Normalmente Deus abre as portas da elocução para aqueles que ele chama para falarem em seu nome.

Calvino, por algumas vezes em seus comentários bíblicos, aponta que o chamado de Deus deve ser considerado como situação inaugural para que um ministério venha a ser reconhecido. Para conhecimento, apontamos dois momentos distintos, primeiro, no seu comentário ao livro do profeta Jeremias:

Ninguém deve ser considerado um mestre legítimo, a não ser que demonstre que foi chamado do alto. Eu já mencionei em diversas ocasiões que a vocação tem dois aspectos: a vocação interna foi primordial quando a igreja estava em estado de desordem... Mas, quando a igreja está correta e regularmente formada,

<sup>18</sup> VEITH, *Deus em ação*, p. 94.

<sup>19</sup> SPURGEON, *Lições aos meus alunos*, v. 3, p. 23, 24.

<sup>20</sup> *Ibid.*

ninguém pode arrogar-se pastor ou ministro, a não ser que seja também chamado pela escolha dos homens.<sup>21</sup>

Nesse comentário, Calvino não retira o aspecto interno do chamado para o ministério, fazendo a mesma conexão com o aspecto externo. O reformador não conecta o ministério do pastor ao ministério do profeta, no sentido inspirado quanto às Escrituras, mas aponta as particularidades do ministério pastoral em comparação com o ministério proclamador dos profetas. Posteriormente, em seu comentário de 1 Timóteo 3.1 (“Fiel é a palavra: se algum homem aspira ao ofício de bispo, excelente obra almeja”<sup>22</sup>), Calvino assim se expressa:

... Portanto, é aparentemente absurdo que os desejos humanos antecipem a vocação divina... O apóstolo, porém, está falando aqui de um desejo piedoso que os homens consagrados possuem, ou seja, aplicar seu conhecimento da doutrina para edificação da igreja. Portanto, aqueles que têm sido assim instruídos, não só podem, mas também devem fazer um espontâneo oferecimento a Deus, de si próprios e do seu trabalho, mesmo antes de serem eles admitidos a algum ofício eclesiástico.<sup>23</sup>

A convicção da vocação ministerial deve fazer parte do sentido existencial do ministro. O reconhecimento da igreja local é a certificação da convicção que deve existir indelevelmente no coração do genuíno ministro. Neste sentido, a busca de capacitação, após o exercício da piedade pessoal e do bom testemunho dentro e fora da igreja, deve ser uma norma para a vida do vocacionado.

Martyn Lloyd-Jones contribui nesta direção quando aponta que, na história, a pregação sem a vocação e sem o preparo pastoral, a chamada pregação leiga, aconteceu na igreja como reflexo de alterações teológicas. O próprio incremento da pregação leiga é um efeito do arminianismo, que em última análise não oferece uma base teológica segura e genuinamente bíblica. Lloyd-Jones afirma: “Eis a razão por que muitas denominações evangélicas da atualidade são não-teológicas”.<sup>24</sup> Não podemos afastar a compulsão interior nem o convencimento do Espírito na consciência do vocacionado. Como vimos, Spurgeon escreveu sobre isso nos seguintes termos: “Se vocês não sentem o calor sagrado, rogo-lhes que voltem para casa e sirvam a Deus em suas respectivas esferas. Mas, se com certeza, as brasas de zimbros chamejam por dentro, não as apaguem”.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Tradução utilizada pelo próprio Calvino conforme o seu *Comentário das cartas pastorais*. São Paulo: Edições Paracletos, 1998.

<sup>23</sup> Ibid., p. 82.

<sup>24</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação e pregadores*. São José dos Campos, SP: Fiel, p. 73-87.

<sup>25</sup> SPURGEON, *Lições aos meus alunos*, v. 2, p. 31.

Assim, o chamado interno para o sagrado ministério decorre de um amor a Deus que crescentemente leva o vocacionado a amar as almas dos pecadores, inquietando-se pela ausência de obreiros suficientes para fazer a colheita no seu momento da história e vendo a cada ação dentro do tempo uma confirmação gradual da sua vocação tanto na vitória sobre os obstáculos quanto na percepção genuína da grandeza da sua vocação.

O chamado para o sagrado ministério é clarificado na caminhada histórica do ministro. Isto fica patente ao lermos a história da igreja em todos os tempos, principalmente a fonte de teologia prática que está nos diários de muitos pastores. Percebe-se que os vocacionados para o ministério eram homens que tinham a convicção do chamado para o ministério sagrado, que dedicaram suas vidas para atender a este chamado e que experimentaram a graça de Deus na frutificação do chamado na vida de outros servos de Deus. Em dois momentos de seu diário, Simonton aborda claramente o seu chamado para o sagrado ministério, consciente da soberania de Deus:

... jamais me deixarei afastar do caminho que ele indicou; especialmente se sua vontade clara me indicar o ministério, para lá irei com alegria e zelo. Mas se por sua providência essa estrada estiver fechada, aceitarei e lembrarei que em qualquer posição na vida sua glória deve ser objetivo supremo.<sup>26</sup>

No batismo fui consagrado a esse ministério; em toda a minha vida tive convicção de ser responsável pelo cumprimento dos votos de meus pais e secretamente (pois nunca confessaria este sentimento a outros) tenho desejado que chegue o dia em que possa cumprir esta promessa... Outra coisa que reforçou meu sentimento foi o interesse de outros, que expressaram a certeza de que, afinal, eu me decidiria pelo ministério: os de casa, amigos e até estranhos. Pois se agora concluir ser meu dever e privilégio cumprir tantas expectativas, aceitarei alegremente e louvarei a Deus, por me dar tal honra. Não terei dúvidas em sacrificar seja o que for (do ponto de vista mundano) para optar pelo ministério – contanto que seja a vocação com clareza.<sup>27</sup>

Além da convicção interna do chamado para o ministério é necessário outro elemento: o reconhecimento da igreja, que, ao aferir as evidências do chamado através dos dons, habilidades e testemunho do futuro ministro, reconhece o seu chamado. Quanto a este elemento também importante e indispensável, observemos o que escreveu Veith:

<sup>26</sup> SIMONTON, Ashbel G. *Diário*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1980, p. 98. Simonton, missionário americano, pioneiro presbiteriano no Brasil. Chegou ao Rio de Janeiro em 1859, plantando a primeira igreja em 1862. Teve seis anos de profícuo ministério, com forte ênfase na evangelização.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 97.

A igreja é o mecanismo externo da vocação; o chamado possui características comunitárias e corporativas; sempre o chamado ultrapassa o próprio indivíduo; o chamado é confirmado através da igreja; essa confirmação que acontece primeiramente na consciência pessoal do vocacionado, acontece também no seio da igreja na qual foi chamado, tornando claro o chamado para o ofício eclesiástico e neste o ministério pastoral. Esse mesmo chamado é assistido pela Igreja; a gestação de uma vocação para um ofício acontece no ventre da igreja; o concílio responsável pela publicidade e legalidade do exercício vocacional apenas sanciona aquilo que foi confirmado na consciência do vocacionado e no convívio com a comunidade local.<sup>28</sup>

Berkhof também partilha dessa teologia, apontando que o candidato deve ser treinado, sendo a igreja local a principal responsável por seu treinamento.<sup>29</sup> Strong aponta de forma mais direta que o candidato ao pastorado deve ser persuadido, e a igreja, convencida do seu chamado, antes que haja um exercício de autoridade do futuro ministro sobre a igreja local.<sup>30</sup> Nessa perspectiva, Strong menciona o modo como John Wesley avaliava os candidatos a pregadores de seu tempo, zelando sempre para que a conversão, a certeza do chamado e os frutos do trabalho estivessem presentes na vida do futuro ministro desde o início do processo de seu ministério:

1) Será que você conhece a Deus como um Deus perdoador? Será que você tem o amor de Deus habitando em si mesmo? Será que você deseja ver apenas Deus e nada mais em sua vida? Será que você é santo em toda a sua conversação? 2) Será que você possui os dons para o trabalho e compreende claramente o que é o trabalho ministerial; será que sabe julgar (discernir) as coisas de Deus? Será que você tem concepção clara da salvação pela fé e claramente pode discernir como ensinar isso aos homens? 3) Será que você têm frutos (convertidos)? Há verdadeiramente alguém que foi convencido do pecado e convertido a Deus através de sua pregação?<sup>31</sup>

A busca dos elementos internos da vocação que motivam ao serviço de evangelização ao longo dos anos foi sendo diluída, atribuindo-se ao ministério pastoral uma perspectiva de ensino bíblico que não fosse missionária e de uma evangelização que não fosse doutrinária.

<sup>28</sup> VEITH, *Deus em ação*, p. 97.

<sup>29</sup> BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 602. A igreja tem a obrigação de subministrar, ou ao menos supervisionar, o treinamento das sucessivas gerações de seus mestres e pastores.

<sup>30</sup> STRONG, Augustus H. *Systematic theology*. 36ª ed. Valley Forge: Judson Press, 1996, p. 919.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 220.

## 5. UMA PROPOSTA REFORMADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA VOCAÇÃO MINISTERIAL

Processos de avaliação têm sido um dos meios utilizados pela igreja para aferir o chamado dos futuros ministros. Eles vão desde processos mais simples, como a avaliação de habilidades quanto aos dons espirituais, a mais complexos, como avaliações de perfil e outras elaboradas a partir do conhecimento teológico adquirido, acumulado e processado ao longo do treinamento pastoral. Isso é procedente diante da responsabilidade da igreja em reconhecer a vocação para o sagrado ministério. Todo processo de avaliação deve ser elaborado a partir da premissa de que o Senhor é quem chama, capacita e envia os seus ministros à sua igreja.

Um dos problemas no trabalho pastoral é a definição clara, cultural e específica do que seja de fato o trabalho pastoral. Alguns laboram voltados para a administração da igreja local, outros se dedicam ao estudo para responder a controvérsias e outros ainda se deleitam com a estrutura da igreja no sentido conciliar ou hierárquico.

Para Calvino, a vocação ministerial é essencialmente evangelística, tal como foi na vida do apóstolo Paulo. A preocupação do ministro com a salvação dos incrédulos e com a daqueles que lhe foram confiados é apontada no comentário de 1 Timóteo 4.16:

O zelo dos pastores será profundamente solidificado quando forem informados de que tanto sua própria salvação quanto a de seu povo dependem de sua séria e solícita devoção ao seu ofício... Não deve causar estranheza que Paulo atribua a Timóteo a obra de salvar a Igreja, porquanto todos os conquistados para Deus são salvos, e é por meio da pregação do evangelho que somos unidos a Cristo. E assim, como a infidelidade ou negligência de um pastor é fatal à Igreja, também é justo que sua salvação seja atribuída à sua fidelidade e diligência.<sup>32</sup>

Calvino não receia em apontar a responsabilidade evangelística do ministro como alguém que foi moldado por Deus e que, através do exercício do seu dom, promove o bem-estar da igreja. Ele não afasta a obra da salvação como uma exclusividade de Deus, contudo aponta o trabalho pastoral como o meio pelo qual o Espírito Santo age nos homens a quem Deus salvou em Cristo. A responsabilidade pastoral quanto ao crescimento da igreja fica clara em Calvino quando ele escreve:

Pois assim como a salvação de seu rebanho é a coroa do pastor, assim também todos os que perecem serão requeridos das mãos dos pastores displicentes. Diz-se que um pastor salva a si mesmo quando ele obedece a sua vocação, cumprindo fielmente o ofício a ele confiado, não só porque assim evita o terrível juízo com

<sup>32</sup> CALVINO, *Comentário das cartas pastorais*, p. 126.

o qual o Senhor ameaça pela boca de Ezequiel: “Seu sangue o requerei de tuas mãos” (33.8), mas porque é costumeiro falar aos crentes como que conquistando sua salvação, permanecendo no curso de sua salvação.<sup>33</sup>

A ação pastoral não pode ser vista como mera atitude humana ou profissional, mas como o cumprimento da vontade de Deus através de instrumentos separados para se dedicarem exclusivamente à edificação do seu povo e anúncio do seu evangelho aos não convertidos. Assim Baxter enumera quatro pecados costumeiros na vida dos ministros de sua época: orgulho, falta de dedicação aos estudos, falta de sinceridade e de vigor nas pregações e ausência de compaixão com os pobres das congregações.<sup>34</sup>

Para Baxter, o propósito do ministério é a edificação do mundo, salvando-o da ira de Deus, aperfeiçoando a criação, alcançando os fins da morte de Cristo. Ele diz:

Salvar a nós mesmos e a outros da condenação, vencer o diabo e derrotar seu reino, estabelecer o reino de Cristo e alcançar os outros para o reino da glória... Ser pastor não nos confere a posição sobre um pedestal, tal como ídolos diante dos quais as pessoas se curvam, nem um lugar para os boas-vidas indolentes que vivem para os prazeres da carne.<sup>35</sup>

Baxter via o ministério como o cuidado espiritual dos crentes e a evangelização dos não crentes. Este é um conceito que pode ser restaurado em nossos dias, uma vez que o cuidado espiritual dos crentes caminha desassociado da evangelização dos não convertidos. No cuidado especial dos crentes estavam incluídos o cuidado das famílias e a prática dos princípios do evangelho:

Não veremos grandes reformas até que obtenhamos a reforma na família. Poderá haver um pouco de religião aqui e ali, mas enquanto as transformações estiverem restritas a pessoas particulares, e não forem promovidas nas famílias, não prosperarão nem produzirão frutos.<sup>36</sup>

Quanto à evangelização dos não crentes por meio do ministério pastoral, ele escreveu:

Irmãos, se a salvação das almas for realmente a sua missão para a glória de Deus, certamente desejarão realizá-la tanto no púlpito quanto fora dele. Empregarão todos os esforços para alcançar o alvo de Cristo. Indagarão a si mesmos tanto em relação ao dinheiro do bolso quanto em relação às palavras da boca: “Como

<sup>33</sup> Ibid., p. 126-127.

<sup>34</sup> BAXTER, *Manual pastoral do discipulado*, p. 119-128.

<sup>35</sup> Ibid., p. 93, 105.

<sup>36</sup> BAXTER, *Manual pastoral do discipulado*, p. 83.

entregarei tudo isso para o maior bem, em especial pelas almas dos homens?” Ah! Se este fosse o seu esforço diário – como usar para a glória de Deus as riquezas, as amizades e tudo mais que possuem da mesma maneira como desejam empregar a língua – então veríamos o fruto do trabalho como nunca vimos. Entretanto, se os senhores apenas almejam o ministério do púlpito, não serão ministros exceto quando estiverem pregando. Nesse caso, não serão dignos do respeito devido aos ministros de Cristo.<sup>37</sup>

Entende-se a partir de Baxter que a sinceridade e fidelidade ao chamado devem ser demonstradas não apenas no ato voluntário de atender ao chamado do Senhor, mas também na expressão da verdade que deve se manifestar na vida do ministro como consequência visível, perceptível na sua disposição integral de gastar-se pela igreja do Senhor, tendo como tarefa principal a transmissão do evangelho.

Escrevendo sobre a compreensão de Calvino acerca do ministério, Whitlock entendeu que o reformador estava convencido de que o ministério pastoral não poderia ser separado da eclesiologia:

... o ministro é usado por Deus para declarar sua vontade ao seu povo na igreja... Para Calvino, o trabalho do ministro na igreja é como um trabalho delegado. Deus usa o seu ministério para continuar o trabalho que Deus começou. Calvino tinha grande atenção ao ministério na igreja e seu entendimento influenciou a tradição protestante.<sup>38</sup>

Argumentando nessa direção, Whitlock faz uma conexão do pensamento de Calvino sobre o trabalho do ministro como proclamador da Palavra de Deus e sua utilização por Deus para a execução dessa tarefa:

Considerando que Deus não habita entre nós de forma visível, ele usa o ministério de homens para declarar abertamente sua vontade, transferindo-lhes o seu direito e honra, servindo suas bocas apenas para que ele possa fazer seu próprio trabalho – como um operário utiliza uma ferramenta para fazer o seu trabalho.<sup>39</sup>

Ainda para Whitlock, Calvino pontua a sua admiração ante a sublimidade e seriedade do ministério sagrado quando discorre sobre a mais alta honra e estima, e como a mais excelente de todas as coisas, sendo formosos os pés daqueles que anunciam boas novas, como afirmou o profeta Isaías (52.7) e como mostrou o nosso Senhor, chamando os seus de sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-14):

<sup>37</sup> Ibid., p. 47.

<sup>38</sup> WHITLOCK, *From call to service*, p. 31.

<sup>39</sup> Ibid.



E esse ofício não poderia ser mais esplendidamente adornado do que quando nosso Senhor disse: “Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim, e quem vos rejeitar a mim me rejeita” (Lc 10.16). E ainda Paulo, que considera que o ministério do evangelho é a administração do Espírito, da justiça e da vida eterna.<sup>40</sup>

Segundo Whitlock, a aplicação para os nossos dias do pensamento de Calvino quanto ao ministério pastoral é direcionada a partir da conexão entre o ministério e a preocupação com a salvação dos crentes por meio da pregação das Escrituras Sagradas, tanto no púlpito quanto fora dele.

Esse pensamento de Calvino é acolhido por Baxter, que estendeu o ministério pastoral para além dos limites do cuidado do rebanho para incluir a responsabilidade direta da evangelização dos não-convertidos através da comunicação da verdade do evangelho às mentes e da correta exposição das verdades da cruz à vontade humana. Ele discorre sobre 17 bênçãos do ofício pastoral, iniciando com os frutos da evangelização dos não convertidos por meio da exposição das Escrituras.

A primeira delas será um meio de esperança para a evangelização, porque une dois grandes aspectos que levam à conversão de almas – primeiro informa a mente sobre os princípios essenciais da religião e segundo a mudança da vontade por meio da eficácia da verdade. “A correta proclamação do evangelho satisfaz a ambos os aspectos. A informação do entendimento é necessária para que a totalidade de Cristo se fixe na memória”.<sup>41</sup>

Baxter segue mencionando a veracidade do ministério sendo aferida pelo desejo de evangelização dos não-convertidos:

Se verdadeiramente somos ministros de Cristo, ansiaremos pelo aperfeiçoamento da sua Igreja e pelo ajuntamento dos eleitos, sofrendo “dores de parto” até que Cristo seja formado neles (Gl 4.19). Abraçaremos as oportunidades conforme permitir nosso tempo de colheita, e tal como na ceifa em dias de sol após uma estação chuvosa, a preguiça nos parecerá indesculpável e irracional... Se formos cooperadores de Cristo, trabalhemos e não negligenciemos as almas pelas quais ele morreu. Lembrem-se quando estiverem conversando com um não-convertido de que os senhores têm a oportunidade de participar da ocorrência da salvação de uma alma e de se alegrar com os anjos no céu.<sup>42</sup>

A fundamentação de Baxter quanto à responsabilidade do ministro na evangelização dos não-convertidos é proporcional à sua preocupação com o crescimento ou capacitação dos santos. Ele considerava a exposição das Escrituras, tanto pública quanto particular, como um exercício do ministério

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> BAXTER, *Manuel pastoral do discipulado*, p. 151s.

<sup>42</sup> Ibid., p. 153.

pastoral. Em Baxter, é natural, singular e costumeira a prática da evangelização dos não convertidos. Ele expõe o método que considerava o mais adequado para a transmissão do evangelho:

Tenho convicção do poder e da eficácia da pregação pública do evangelho; é um meio bíblico e excelente para alcançar a muitos. Mas tal efetividade será frustrada quando isolada da pregação em particular. Por mais que um pregador seja simples ao expor a Palavra publicamente, não conseguirá falar de maneira que os simples entendam. Temos de ajudar tais ouvintes, em particular, a digerir o alimento recebido.<sup>43</sup>

Também Mark Coppenger, em seu ensaio “Livrando-nos da profissionalização”, organizado e publicado por John Armstrong, ensina que os pastores, como guias, devem conduzir o povo de Deus de maneira próxima, frequente e considerável, orientando-o através da instrução e auxiliando-o nas grandes e pequenas dificuldades por que passa. Para tanto, devem os ministros gastar tempo neste pastoreio do rebanho.

Ele continua:

É dever do pastor, amar, alimentar, resgatar, cuidar, confortar, guiar, vigiar e guardar as ovelhas. Não é dever do pastor impressionar outros pastores e ganhar sua aclamação. Também não é seu dever procurar ou manter aumentando sua fortuna. Também não é seu dever proteger pastores que negligenciam alimentar, resgatar, cuidar, confortar, guiar, vigiar e guardar suas ovelhas. Se o pastorado se tornar profissionalizado, essas confusões de dever se tornarão uma ameaça.<sup>44</sup>

Somente após clarificar a responsabilidade daqueles que são chamados para o ministério de exercerem a prática de evangelização como parte do seu ministério é que Baxter insere a prática da evangelização por todos os crentes, sem, contudo, em nenhum momento, diminuir a responsabilidade pastoral:

Todo cristão é chamado e designado para cumprir a ordem de Jesus, segundo a Grande Comissão. Contudo, os pastores tem dupla obrigação, pois foram separados para ministrar o evangelho de Cristo e deveriam se dedicar integralmente a esta obra. Não seria preciso enfatizar mais a questão da nossa obrigação, pois conhecemos a importância do chamado para sermos cooperadores de Deus na obra de conversão de nosso povo. Somos instados, por Deus, a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para a realização da nossa vocação. Espero não haver entre nós quem duvide de que os incrédulos tenham necessidade de conversão. Quanto aos meios necessários para esse mister, a experiência comprova o que

<sup>43</sup> Ibid., p. 173.

<sup>44</sup> COPPENGER, Mark. Livrando-nos da profissionalização. In: ARMSTRONG, John (Org.). *O ministério pastoral segundo a Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 57.

a Escritura diz, acima de qualquer dúvida, que devemos “ensinar publicamente e também de casa em casa” (Atos 20. 20).<sup>45</sup>

Baxter coloca a evangelização como realização da nossa vocação como eleitos e descarta a possibilidade de um cristão verdadeiro duvidar da necessidade de conversão daqueles que ainda não foram convertidos pelo Espírito Santo através do evangelho. Na literatura pesquisada de Baxter, encontramos preferencialmente a expressão “não-convertidos” a pagãos ou incrédulos. Esse é um posicionamento que pode ser considerado um divisor de águas na realidade ministerial do Brasil.

Para Mark Dever, o pastor deve impulsionar o crescimento evangelístico de sua igreja local a partir da prática constante da oração, que leva ao que ele chama de *uma cultura de fidelidade*, com relacionamentos e amizades entre os membros da igreja. Isso é seguido de capacitação com ferramentas úteis para a evangelização dos não crentes, utilizando espaços e momentos como nos cultos principais, mas tendo a pregação expositiva como a principal ferramenta para a evangelização dos não-convertidos.<sup>46</sup>

## 6. MINISTÉRIO PASTORAL: PERIGOS E ARMADILHAS

É possível que o primeiro e talvez o mais grave perigo para o ministério pastoral seja a secularização do ministério. Para Baxter, a ruína do ministério pastoral residia em sua secularização: a admissão ou permissão de que os valores e princípios do século invadissem ou se alojassem no coração do ministro. Ele assim a definiu:

Se (os pastores) buscam vantagens seculares, adaptam-se aos poderes seculares; se buscam o aplauso popular, adaptam-se ao partido mais popular da igreja... A variedade intelectual e de inúmeras circunstâncias ocasionam grande diversidade de opiniões sobre muitos aspectos. Contudo, se o poder secular ou eclesiástico vai de um lado, a maioria dos pastores tende a segui-lo, sem muito exame crítico.<sup>47</sup>

A busca de suporte ministerial que não seja exclusivamente a dependência do próprio Senhor do ministério esteve, algumas vezes, no coração de muitos ministros. Desde a confecção do bezerro de ouro no deserto, ou a pluralidade de funções conciliares ou ainda a busca de reconhecimento por parte do estado de títulos acadêmicos que de fato são honoríficos dados àqueles que demonstram dons espirituais, apontam indícios e evidências de secularismo no

<sup>45</sup> BAXTER, *Manual pastoral do discipulado*, p. 172.

<sup>46</sup> DEVER, Mark E. O sucesso pastoral no ministério evangelístico. In: ARMSTRONG, John (Org.). *O ministério pastoral segundo a Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 247-270.

<sup>47</sup> BAXTER, *Manual pastoral do discipulado*, p. 129.

ministério pastoral. Para Peterson, toda vez que o ministro perde o essencial no trabalho evangelístico e abandona este essencial por qualquer outra coisa, a sua vocação é diminuída e o valor do seu ministério é reduzido.<sup>48</sup>

A vocação pastoral possui diversos inimigos, sendo a secularização do ministério o mais tenebroso dardo do maligno contra os pastores. Este consegue afastar a consciência do chamado à medida que seculariza o pastorado. Para Baxter, a tratativa da teologia como uma disciplina científica corroía a essência da vocação e separava a realidade transcendente do chamado para o ministério, fazendo do pastorado um trabalho como outro qualquer, ignorando o trato com as Escrituras e com os sacramentos como boca de Cristo aos seus eleitos para edificação e sentença do Supremo Juiz para condenação dos ímpios.

Para ele, não se deve tratar a teologia apenas como uma disciplina acadêmica. Se os instrutores das faculdades e universidades se ocupassem principalmente em familiarizar os seus alunos com a doutrina da vida, e se trabalhassem para colocá-la em seus corações, isso seria um meio feliz para abençoar almas, e resultaria numa feliz igreja e feliz comunidade. Mas quando fazem leitura de teologia como filósofos – como se fosse uma coisa não mais importante que uma lição de música ou de aritmética, e não a doutrina da vida eterna – eles a destroem e suprem a igreja de mestres não santificados! “Eis porque temos tantos pregadores mundanos a apregoar uma felicidade invisível e tantos homens carnisais a declarar os mistérios do Espírito”.<sup>49</sup>

Nessa mesma direção, Baxter apontou que a rota para o ministro cuja teologia extrapolava as possibilidades acadêmicas seria, de fato, transcendente e não coexistiria como uma ciência da religião, mas superaria as expectativas humanas por se tratar de coisas inerentes ao Espírito de Deus. Por esta razão, as expectativas do ministério faziam florescer frutos no reino de Deus:

Se o interesse secular – mundano – não prevalecesse contra o interesse de Cristo e da Igreja, certamente a maioria dos pastores seria mais frutífera em boas obras, contribuindo mais com os seus bens para a glória de Deus... Se os homens virem que o pregador está envolvido na realização de boas-obras mais facilmente crerão na bondade e honestidade daquele que os persuade para o bem.<sup>50</sup>

Peterson analisa no mesmo sentido, aplicando a verdade da Escritura e a realidade da história, buscando afugentar os perigos da secularização do pastorado e conseqüentemente da caminhada diária da igreja:

<sup>48</sup> PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 14, 15.

<sup>49</sup> BAXTER, *Manual pastoral de discipulado*, p. 42.

<sup>50</sup> BAXTER, *O pastor aprovado*, p. 127.

A vocação pastoral é interpretada pela congregação como o trabalho de suprir as necessidades religiosas das pessoas no momento em que são solicitadas, ao melhor preço possível; no aspecto eclesiástico, significa satisfazer essas mesmas necessidades rápida e eficientemente. Essas condições reduzem a vocação pastoral à simples economia da religião, arrasta-a a uma competitividade inexorável e a entregam nas mãos de peritos em relações públicas e especialistas em marketing.<sup>51</sup>

Outro perigo que o ministério pastoral corre é o da preocupação com os resultados numéricos ou mensuráveis. Entendemos que os resultados oriundos do trabalho pastoral são ações de Deus na vida da igreja. O apóstolo Paulo diz que “o crescimento vem de Deus” (1Co 3.6). Nesse sentido é imperativo que a igreja local visualize o pastor não como um manipulador da teologia ou dos mistérios de Deus, mas como bênção colocada por Deus no meio da igreja e condutor das verdades do evangelho contidas nas Sagradas Escrituras. Veith assim se expressou quanto à seriedade da vocação pastoral:

...a igreja não é uma instituição secular, mas espiritual e a vocação do pastor tem um conteúdo específico e não pode ser reduzida a apenas conduzir uma instituição... As vocações não devem ser confundidas, e agir fora do âmbito de uma vocação é a fórmula para o desastre... Os pastores, cujo chamado é especialmente pregar o evangelho, apascentar as ovelhas de Cristo, estudar e ensinar a Palavra de Deus, serão particularmente abençoados quando perceberem que é Cristo quem está ministrando por intermédio deles.<sup>52</sup>

Finalmente, é importante estabelecer que o ministério pastoral se diferencia das demais vocações em, pelo menos, três sentidos. Ele não se baseia nas tendências de mercado, não busca uma realização profissional ou um plano de carreira, nem tão pouco é um processo de concorrência com os demais vocacionados.<sup>53</sup> O ministério, na visão de Peterson, está relacionado com um envolvimento com a sublimidade da oração, com a leitura das Escrituras e com o aconselhamento pastoral. No primeiro, temos a devoção pessoal e particular do pastor e o seu trabalho de intercessão pelo rebanho; no segundo,

<sup>51</sup> PETERSON, *A vocação espiritual do pastor*, p. 15.

<sup>52</sup> VEITH, *Deus em ação*, p. 97.

<sup>53</sup> A Igreja Presbiteriana do Brasil, através da sua Junta de Educação Teológica, definiu a vocação ministerial nos seguintes termos: o chamado para o ministério é diferente em, pelo menos, três sentidos: (1) não se baseia em tendências, mas no chamado de Cristo mediante o conhecimento de sua vontade e o testemunho interno do Espírito Santo; (2) não objetiva uma profissão nem um cargo para realização pessoal, mas uma posição de serviço que requer abnegação e transformação do caráter; e (3) implica no cumprimento exemplar de obediência à Palavra de Deus em todo o processo de crescimento espiritual, na capacitação e habilidade para a pregação e no cuidado público e individual. Como disse Paulo, o Senhor dotou homens para o ministério e os concedeu à igreja.

o seu envolvimento com a pregação e o ensino das Escrituras e, no terceiro, o seu envolvimento com as pessoas e a aplicação dos dois primeiros.

Peterson ergue um clamor: o retorno dos pastores à origem do seu chamado, aos primórdios de sua vocação, aos melhores dias de sua convivência com o Senhor que os encontrou e os fez pastores de suas ovelhas.

Os pastores estão abandonando seus postos, desviando-se para a direita e para a esquerda, com frequência alarmante. Isso não quer dizer que estejam deixando a Igreja e sendo contratados por alguma empresa. As congregações ainda pagam seus salários, o nome deles ainda consta no boletim dominical e continuam a subir ao púlpito domingo após domingo. O que estão abandonando é o posto, o *chamado*. Prostituíram-se após outros deuses. Aquilo que fazem e alegam ser ministério pastoral não tem a menor relação com as atitudes dos pastores que fizeram a história nos últimos vinte séculos.<sup>54</sup>

A dedicação exclusiva ao pastorado é uma exigência inarredável da vocação do ministro. Não há como pastorear uma igreja local sem que o tempo, a vida e todo o coração e mente estejam centrados nela como rebanho do Senhor. Seja uma grande e imponente catedral ou uma pequenina igreja rural é o rebanho do Senhor nas mãos de um pastor. Não há como dividir o seu cuidado com nada mais. Mais do que nunca, em qualquer época ou tempo, é importante olhar para o Supremo Pastor, antes que a consciência esmaça, o foco seja afastado ou as convicções da ordenação ao sagrado ministério sejam adulteradas.<sup>55</sup> A igreja e o mundo precisam de pastores que almejem o ministério como o mais empolgante dos desafios e o mais excelente dos alvos, pastores que não se dobrem diante dos perigos da vocação, mas que aguardem a manifestação do Supremo Pastor (1Pe 5.4).

## CONCLUSÃO

Até aqui pudemos observar que a teologia reformada admite a vocação pastoral como uma intervenção de Deus na vida da igreja para a edificação do corpo. Também é possível concluir, observando a teologia reformada, que o crescimento do corpo de Cristo através do ministério pastoral está conectado com o trabalho evangelístico desenvolvido pelo ministro, sendo esta conexão uma evidência externa da vocação para o ministério da palavra. Por fim é possível observar que o dom pastoral, ao ser exercitado pelo pastor e reconhecido pela igreja, produz uma relação que deve se desenvolver por toda a vida do ministro, sendo o secularismo do ministério o mais difícil dos perigos a ser enfrentado pelo pastor independentemente de sua idade ou tempo de ministé-

<sup>54</sup> PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2001, p. 1.

<sup>55</sup> PETERSON, Eugene H.; DAWN, Marva J. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro: Textus, 2001, p. 16 e 214.

rio. Esse grave perigo pode sufocar o ministério pastoral em qualquer tempo ou lugar, afastando o pastor da Grande Comissão através do relativismo, do pragmatismo e do subjetivismo.

Assim, ocorre o *relativismo missional* ou a fragmentação do evangelho, sua diluição e até desqualificação para atender às necessidades da sociedade, retirando o confronto do pecador com seus pecados e com a cruz do Redentor, com a ressurreição corpórea e histórica do Senhor Jesus Cristo, anulando a autoridade das Sagradas Escrituras, infalíveis, inerrantes e plenamente inspiradas por Deus. Em nome da relevância se perde o conteúdo transformador do evangelho, oferecendo-se apenas a sua diluição sem o Cristo vivo. Observa-se também o *pragmatismo missional* ou a busca do crescimento a qualquer custo e sob qualquer bandeira, perdendo-se a direção soberana do Espírito Santo e a qualificação do povo mediante dons e ministérios dados pelo Espírito, e não pelas perspectivas das ciências sociais. E por fim há um *subjetivismo missional* ou a troca do treinamento, da capacitação dos vocacionados, por estratégias mercadológicas, tornando-se a seleção um processo de mercado e não uma marca indelével do Espírito.

#### ABSTRACT

This article seeks to analyze the doctrine of calling, mainly from the perspectives of John Calvin and Richard Baxter. It starts from the presupposition that, in some aspects, the pastoral calling can be studied as analogous to the calling of the prophets in the Old Testament and the apostles in the New Testament. The main points of contact are the use of God's Word, the impulse of the Holy Spirit as the one who applies the Word, both in the past and in the present, and the dealings with the people of God as the recipients of God's Word as it is taught and proclaimed. The author looks for connections between the pastoral ministry and the fulfillment of the Great Commission, ascribing to ministers the direct responsibility of evangelizing the unconverted as an external evidence of their pastoral calling. Finally, he points to some dangers and traps in pastoral ministry in the present time.

#### KEYWORDS

Minister; Calling; Pastoral calling; Spiritual gifts; Universal priesthood of the saints.

